

A elaboração de Selva Trágica, de Hernâni Donato

Prof. Dr. Jérri Roberto Marin¹ (UFMS)

Resumo:

Essa pesquisa visa analisar o processo de criação literária de Selva Trágica: a gesta ervateira no sulestematogrossense, de Hernâni Donato, publicada em 1959. Pretende-se recuperar os intertextos que foram absorvidos na composição da obra, inserindo Donato como leitor, pois a produção literária é uma construção mosaica. Nesse sentido, proponho-me refletir sobre os percursos da construção de Selva Trágica, sobre as ligações com outros textos, sobre os nexos com materiais de origens, qualidades e naturezas distintas e, no confronto, reconhecer singularidades. Trata-se, sobretudo, de ir ao encontro de Donato, por meio de sua obra.

Palavras-chave: Selva Trágica, Hernâni Donato, Intertextualidade, Regionalismo, Estudos Culturais.

Introdução

Selva Trágica, de Hernâni Donato, é uma narrativa que preserva a dimensão estética da linguagem literária e constitui-se num testemunho de época, a partir das representações dos ervais mato-grossenses e da fronteira Oeste. O enredo passa-se no rancho Bonança, localizado na fronteira do Brasil com o Paraguai, no espaço temporalidade das primeiras décadas do século XX. A obra oferece uma interpretação ficcional que retrata uma possível história dos trabalhadores da Mate Laranjeira, arrendatária de terras devolutas, circunscritas ao Mato Grosso. Salientamos que o substantivo *selva* e o qualificativo *trágico* significam uma metáfora toponímica, que absorve a luta pela sobrevivência em torno de acontecimentos e sensações sinistras que trouxeram dores e horrores, pois o ser humano ali era colocado à prova, vivia às avessas em estado inabituais, deslocados dos sentidos federativos, sociais e políticos. A região foi representada como uma selva brutal, infernal, isolada, um pesadelo no qual todos viviam e do qual desejavam libertar-se. A extração da erva-mate gerava relações sociais desiguais e contraditórias que beneficiavam uma minoria estrangeira. Os ervateiros, por estarem fora do alcance da legitimação do Estado, da Justiça e da Igreja, ficavam submetidos as leis impostas pela Mate Laranjeira e a uma rígida disciplina de trabalho, que resultavam num elevado índice de mortalidade, ou seja, num morticínio. Devemos considerar que tais representações negativas eram importantes no sentido de reforçar o olhar sobre a região, sendo um outro *locus*, em que o significado de mundo ermo recriava-se às avessas e, portanto, não se incorporava às interpretações lógicas da nacionalidade e do catolicismo. Mato Grosso era representado como uma região multiétnica, multinacional e de convergências multiculturais. (DONATO, 1959, p. 166)

A atividade de crítica é uma escrita sobre o que se lê e que inclui a análise das formas como se lê. O processo de elaboração literária é uma decorrência de leituras prévias que inserem o autor como um leitor e que inclui a atuação simultânea e produtiva entre o autor e o leitor. O texto é visto como uma construção inconclusa, sujeita a transformações históricas e a variações individuais, pois escrever é uma parte da operação que inclui a leitura como correlato dialético. Quando afirmo que o autor é um leitor estou situando os procedimentos intertextuais da produção literária, vista como uma construção mosaica. A leitura intertextual se efetiva como recuperação dos intertextos fazendo

¹ Jérri Roberto MARIN, Prof. Dr. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: jerrimarín@bol.com.br.

emergir o que está implícito, ou seja, com a preocupação de identificar os diferentes elementos que foram absorvidos na nova composição. (CARVALHAL, 2000, p. 13-14)

Donato afirma que recriou e reinventou a história dos ervais no fazer poético a partir do que viu, vivenciou, ouviu e registrou, ou seja, de relatos de fatos que não presenciou, das vivências de homens e mulheres que conheceu, de leituras e pesquisas que realizou, da bagagem cultural que adquiriu nas viagens pelas terras mato-grossenses e da sua experiência como proprietário de um erval.² Ele preocupa-se em cercar-se de uma multiplicidade de fontes para comprovar a veracidade da sua narrativa, ou seja, com a pesquisa em arquivos, com a investigação historiográfica e utiliza uma multiplicidade de fontes. Assim, a pesquisa bibliográfica e a utilização de fontes diversas somam-se à sua sensibilidade em sorver a cultura local, ao seu testemunho, ao seu conhecimento sociológico e às suas experiências pessoais. Ou seja, o Autor não teve liberdade absoluta para criar, pois sua narrativa foi controlada pelos arquivos; pelas fontes que escolheu, pela pesquisa bibliográfica, pelos traços do passado que chegaram até o presente, pela relação do Autor com o seu objeto e pelo método. Como os historiadores, preocupou-se em aproximar o mais possível do acontecido. Ao mesmo tempo, articula-se a sua capacidade criadora de imaginar o acontecido e de representá-lo.

Selva Trágica foi resultado de inúmeras viagens realizadas por Donato ao Mato Grosso, na década de 1950, com o fim de pesquisar o caminho de *Peabiru*, estrada que teria sido encontrada pelos portugueses à época da conquista e que interligava o Oceano Atlântico ao Pacífico. Os “segredos” ocultos foram desvelados a ele por moradores da região, ex-ervateiros e por ervateiros fugitivos. (DONATO, 1959, p. 240) Donato, nos protocolos de edição, faz uma menção especial ao “Enio ‘Gato Preto’ Martins, ao Galdino Agostini, ao Carlos Freire que, entre muitos, teriam revelado os “segredos” e a história do “mundo” do mate. (DONATO, 1959, p. 7-10) No prefácio da obra, foram transcritos fragmentos do romance de Antônio Bacilla *O Drama do Mate*, da carta de Hernandarias ao rei da Espanha e de dois depoimentos orais de trabalhadores dos ervais coletados pelo próprio Autor. O depoimento de Rafael Barret apresenta dados estatísticos sobre o alto índice de mortalidade na região ervateira, fator que gerou uma depopulação na fronteira do Brasil com o Paraguai. (DONATO, 1959, p. 10)

Os editores, por sua vez, reforçam o sentido já impresso por Donato. A obra foi resumida como um “escândalo sadio e másculo”. Mais do que isso, “um inferno revestido de paraíso”. Para eles, Donato apresentava o “passado recente” do Brasil que teria sido “uma vergonha que abalou a nação” tornando *Selva Trágica* um “repositório de novidades”, ou seja, ela revelaria ao leitor um Brasil que desconhecia a si próprio. O objetivo da obra seria o de dar visibilidade a fatos desconhecidos pelo grande público, não abordados pela história oficial.

Outras obras que foram importantes na composição da trama não foram citadas no prefácio de *Selva Trágica*. Donato leu a *História do Chimarão*, de Barbosa Lessa, publicada em 1951.³ No capítulo III, intitulado *O chimarão no folclore sul-riograndense* Lessa citou as lendas, as origens do mate, a presença de São Tomé na América, as superstições, os casos, os dizeres, as poesias, os cantos, entre outros aspectos relativos a erva-mate. Na parte dedicada a *São Tomé na América*, Lessa defende a presença do santo na região e seu trabalho evangelizador anterior a presença européia. Ele afirma que, no Paraguai, a erva-mate era utilizada como alimento e remédio desde o dia em que o santo ensinou-lhe como beneficiar as folhas da erva-mate, que de venenosas passaram a ter propriedades medicinais. Sempre que ocorriam enfermidades ou epidemias os indígenas a utilizavam com fins terapêuticos e invocavam a intercessão de São Tomé. Os feitos prodigiosos do

² O erval de sua propriedade localizava-se próximo ao rio Paraná. Os pais de sua esposa também eram proprietários de ervais no Paraná.

³ A obra *Sumé e Peabiru: mistérios maiores do século* da descoberta foi o resultado de uma insistente pesquisa de mais de sessenta anos. (DONATO, 1997)

santo teriam permanecido no imaginário das populações indígenas, cuja memória o decurso dos séculos não apagou. Segundo Lessa, outra versão corrente, sobretudo entre a população branca, era que a erva-mate havia sido descoberta e bendita pelas mãos de São Tomé.

Lessa apresentou diversas publicações e cartas dos séculos XVI ao XVIII que procuravam comprovar a presença do santo na América. Entre os autores elencados está o Jesuíta João Pedro Gay, que publicou em 1863, na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o artigo *História Jesuítica do Paraguai*. Lessa o citou para demonstrar o porquê do consumo generalizado da erva e da permanência no imaginário dos paraguaios da “figura daquele bom Zumé, que um dia, apesar das súplicas e protestos gerais, teve de deixar as terras do Paraguai.” Para tal, citou a canção de São Tomé, que no rodapé, esclarece ser “do folclore paraguaio”. (LESSA, 1951, p. 77-78) A canção atribui ao santo a criação da *ilex paraguayensis*, recorda suas palavras de despedida e os desdobramentos após sua partida:

1. “Santo Tomé les responde:
2. ‘Os tengo que abandonar
3. Porque Cristo me ha mandado
4. Otras tierras visitar.
5. En recuerdo de mi estada
6. Una merced os he de dar,
7. Que es la yerba paraguaya
8. Que por mí bendicta está’.
9. Santo Tomé entró en el rio
10. Y en peana de cristal
11. La aguas se lo llevaron
12. A las llanuras del mar.
13. Los indios, de su partida
14. No se pueden consolar,
15. Y a Diós siempre están pidiendo
16. Que vuelva Santo Tomás.”(LESSA, 1951, p. 78)

Donato não leu o texto do padre Jesuíta João Pedro Gay, mas o absorveu na composição de *Selva Trágica*. A canção de São Tomás, citada por Lessa, foi apropriada no fazer poético, porém a estrutura do texto foi alterada.⁴ Ao intervir de forma intencional tornou os limiares discursivos entre imaginação e realidade, fato e ficção mais precisos:

1. “Santo Tomás les responde
2. ‘Os tengo que abandonar
3. Pues que Cristo me ha mandado
4. Otras tierras visitar.
5. En recuerdo de mi estada
6. Una merced os he de dar,
7. Que es la yerba paraguaya
8. Que por mí bendicta está’.
9. Santo Tomás entró en el rio

⁴ Donato fez várias alterações no texto. Na décima terceira e décima quarta linhas duas palavras foram invertidas da ordem, diferenciando-se da citação de Lessa.

10. Y en peana de cristal
11. Las aguas se lo llevaron
12. A las llanuras del mar.
13. Los indios, de su partida
14. No se pudieron consolar,
15. Y a Díos estan siempre pidiendo
16. Que vuelva Santo Tomás

17. Que vuelva Santo Tomás
18. P'á no sufrirmos mááás...” (DONATO, 1959, p. 218-219)

As hibridações religiosas estão presentes na canção coletada por Lessa, onde São Tomé e Jesus Cristo foram associados na evangelização da quarta parte do mundo, a América, e por sintetizar São Tomé e São Tomás. Donato, por sua vez, fez a tradução para São Tomás e acrescentou uma quarta estrofe que repetia a última frase “*Que vuelva Santo Tomás*” e acrescentou “*P'á no sufrirmos mááás...*”. (DONATO, 1959, p. 218-219)

A quarta estrofe conferia maior tragicidade à vida nos ervais. Era um lamento, um grito de dor e de esperança ao evocar o retorno do santo para restabelecer o equilíbrio perdido. Em *Selva Trágica* as personagens estavam impedidas de mudar a realidade, de implementar a sua vontade e os seus sonhos. Ou seja, as relações econômicas, políticas e sociais limitavam sua ação. A realidade não poderia ser o que os homens e mulheres desejavam que ela devesse ser e, por outro lado, não poderia ser mudada pelas vontades individuais e coletivas.

Outro aspecto relevante foi que o autor da *História Jesuítica do Paraguai*, o cônego João Pedro Gay tornou-se personagem de *Selva Trágica*. Em *Selva Trágica*, a canção de São Tomás foi ensinada aos ervateiros pelo padre Jesuíta Gay, que atuou no Paraguai, e que os ervateiros relembavam sempre que iniciavam os trabalhos numa nova mina de erva-mate.

Nesse sentido, Donato é, por excelência, um leitor e um autor excepcional, sabe o que faz e escreve para ser lido por outros, que não ele mesmo. Ao citar os intertextos que utilizou no processo criativo recorria a um reforço de autoridade a fim convencer o leitor sobre a consistência e legitimidade da narrativa, ao fazer crer que seu registro da realidade era a verdadeira e definitiva história dos ervais por estar assentada na cientificidade e na objetividade, ou seja, que apreendia o objeto na sua essência e concretude.

O tema seria exposto de forma realista, refletindo, como um espelho, o real. Sabe-se que a construção da realidade é feita não sobre o real, mas sobre as representações deste real com as quais o Autor entrou em contato enquanto leitor. (CARVALHAL, 2000, p. 16) Cria-se, portanto, uma imagem do Autor refletida no espelho, a partir de como ficcionalizou.

Ao pretender excluir a dimensão subjetiva, garantia à narrativa um estatuto de verdade e uma dimensão ética, ao narrar o acontecido. Porém, ao indistinguir fato, ficção e realidade, testemunho e verdade, criou intencionalmente incertezas entre o que é real e invenção na narrativa. As fontes citadas e o discurso testemunhal foram integrados num encadeamento que criam efeitos de realidade ao fazerem crer ao leitor que a obra estaria assentada mais no real e menos no ficcional, de forma a apresentar-se ao receptor como plausível e convincente. O leitor é cativado a crer, por meio de “garantias do real” e de estratégias que comprovam a veracidade da narrativa ficcional, que o romance baseia-se em fatos verídicos e personagens reais e identificáveis.

Neste sentido, o texto é um objeto multifacetado e construído. O conhecimento sociológico do Autor e as pesquisas que realizou perpassam toda a narrativa, manifestando-se na escolha das personagens, como por exemplo Getúlio Vargas, pelos contextos históricos aludidos e pelas descrições pormenorizadas da região, das relações de poderes existentes, da política da época, dos

mitos, das falas, das gentes e do processo produtivo da erva-mate. Donato narra esse cenário com um olhar agudo sobre o econômico, o social, o cultural e o político. O Autor cruza dados da ficção e da realidade, para recriar um mundo que conheceu, que ouviu falar e de personagens que dele participaram, para expor idéias e uma representação da história dos ervais e, por fim, para reproduzir nas malhas do texto, o acontecido.

O prefácio diz muito sobre a obra. Ele é escrito após a conclusão da escritura e constrói reflexões sobre o processo de confecção do texto. O objetivo é apresentar a obra, realizar uma auto-representação de si como autor e preparar a recepção, ou seja, apresentar aos leitores e críticos as expectativas de como deveriam ler o texto. As intenções do autor somam-se as dos editores que também refletem sobre a escritura e procuram homogeneizar as práticas de leitura.

Donato reconhece a importância do receptor/leitor e atribui a ele um papel relevante, convencendo-o a aceitar sua narrativa ficcional como histórica. O contrato narrativo do Autor com o leitor, que o guia na leitura, é realizado por uma advertência no paratexto. Nesse “protocolo de leitura”, o Autor dissemina a forma que considera correta de interpretação do seu texto. O leitor “ideal” é aquele que decodifica o sentido preciso do texto impresso pelo Autor, que orienta a forma correta de ler, homogeneizando as práticas de leitura. Os Editores, no “protocolo de edição”, também procuram reforçar a forma correta de ler a obra, assemelhando-se ao sentido já impresso anteriormente pelo Autor, ou seja, *Selva Trágica* seria a verdadeira e definitiva história dos ervais mato-grossenses. Donato desejava que sua obra ficcional fosse lida e valorizada não como ficção, mas como uma versão “verdadeira” e definitiva do processo histórico. Há uma transposição das fronteiras ao dificultar a distinção entre fato e ficção, apagando as diferenças entre um e o outro. Segundo Compagnon, “a significação de uma obra [...] não se esgota e nem é equivalente à sua intenção”, pois a “obra vive a sua vida” e a intenção do autor não se reduz a um projeto nem a uma premeditação consciente de todos os detalhes que a escritura realiza. (COMPAGNON, 1999, p. 82-91) O texto é pleno de possibilidades de sentidos e os resultados são sempre imprevisíveis. Nesse sentido, os “protocolos de leitura” não impedem que os leitores façam outras apropriações, mais ou menos criativas, e até diferentes daquelas desejadas pelo Autor e pelos Editores.

Donato concebe a história a partir de uma concepção linear, cumulativa, neutra que reconstrói a realidade de forma objetiva e despreza os componentes imaginários e ficcionais na construção da escrita. A verdade seria apreendida por meio da neutralidade do olhar do observador e pelas provas documentais que lhe parecem mais autênticas. Donato transfere para os documentos e para o próprio texto ficcional todo processo de conhecimento, como se este estivesse pronto e acabado e nele residisse a verdade. Esta argumentação dissimula a sua intervenção ativa na escolha, interpretação das fontes e na construção do texto. Para compor a narrativa ficcional, o Autor selecionou, recortou, colou e fez escolhas. Os documentos são construídos pelo olhar do pesquisador, tornando-os monumentos. Seu olhar dirige-se para a recuperação da história dos excluídos e anônimos, tirando-os do silêncio e dando-lhes uma importância política. Por outro lado, afasta-se de uma concepção tradicional de história ao cercar-se de uma multiplicidade de fontes e de temporalidades. Na obra, episódios diferentes são recortados em blocos, embora estejam interligados e ocorram simultaneamente.

Nas obras literárias, valor estético e forma de conhecimento reúnem-se, tornando os limiares entre história e literatura móveis e fluidos. A história também integra elementos ficcionais e documentais, tornando-se, num enredo costurado pelo narrador. Os textos literários, por sua vez, podem cercar-se de estratégias documentais e pode almejar a veracidade dos fatos acontecidos e recorrer às fontes e arquivos, traços do passado que chegam até o presente, para compor suas narrativas. A narrativa histórica é o resultado de uma seleção e organização deliberada de estratégias narrativas, a partir de uma multiplicidade desordenada de fatos. O real é construído pelo autor, por meio da reconfiguração do tempo, ao mediatizar o passado para o público do presente. Os historiadores reconhecem a intervenção subjetiva e ficcional de suas hipóteses e juízos na

composição da narrativa do texto histórico, embora desejem aproximar-se o mais possível daquilo que se passou. A interpretação controlável do historiador apóia-se em problemas, conceitos e fontes. Donato, por exemplo, busca, como os historiadores, provar seus argumentos por meio de provas de consistência e de estratégias na construção do texto que reforcem sua autoridade. Porém, a verdade absoluta é fictícia e as interpretações são sempre parciais e construídas.

Outros textos literários poderiam contrariar as “verdades” investigadas pelos historiadores e, mesmo assim, possuir valor como forma de conhecimento. Sabe-se que a literatura não precisa ser justificada, cabendo ao leitor procurar a verdade que traz em suas meias-verdades, pois a literatura, mesmo quando “vista como forma de conhecimento, chega a este por meio de um, declarado ou não, fingimento, que é mediação necessária e útil à aproximação da verdade como algo mais geral e abstrato [...]”. (CHIAPPINI, 1999, p. 813-814) Uma obra literária é fonte de si mesma ao revelar o presente da sua escrita, embora a temporalidade retratada no texto não corresponda ao da escritura. A literatura fala sempre de seu tempo, aspecto que permite refletir sobre a data em que foi escrita. Por outro lado, o real pode ser encontrado no imaginário de uma determinada época, pois inexiste uma dicotomia entre ambos.

Em *Selva Trágica*, o mundo do mate foi recriado a partir de descrições minuciosas admitindo, pelo seu valor histórico e literário, uma diversidade infindável de olhares. Muitas informações estariam perdidas caso não tivessem sido registradas por Donato. *Selva Trágica* denuncia e documenta, pela linguagem, a história dos ervais. Portanto, tem um valor documental e torna-se uma fonte privilegiada para os historiadores. Reescrever o passado, refletir sobre o vivido não está restrito à História, mas estende-se à Literatura. Como representação social, a narrativa ficcional possibilita ampliar a percepção das lutas de representação existentes na sociedade. (CHARTIER, 1990, p. 17) A obra em apreço permite preencher lacunas documentais e também a formulação de novos problemas, sujeitos e temas.

Conclusão

Selva Trágica, como obra híbrida, permite entender a construção do literário, a absorção de época, de contextos históricos, de culturas e a interpenetração dos gêneros. O Autor excursiona pela Literatura e História e as entrecruza, ao mesclar elementos ficcionais e não-ficcionais e ao privilegiar problemáticas sociais e contextos históricos. Os limiares entre imaginação e realidade tornam-se indiscerníveis de forma intencional, configurando-se num projeto explícito e deliberado do Autor.

Interessante, é novamente, se frisar sobre a importância das leituras feitas nas obras literárias, quando narram não só valores estéticos, mas registram alusões que se aproximam de fatos históricos, das formas de absorções de culturas e conhecimentos, assim, difundindo a possibilidade de reflexões sobre uma história não oficial ou ficcionada, onde se movem a fluidez de um imaginário edificado pela linguagem literária. Nesse sentido, é bom se ressaltar que a expressividade circunscrita aos cenários e ao desempenho dos personagens de *Selva Trágica* não podem ser confundidos com os fatos históricos oficiais, mas sim, é uma tentativa de realização de cunho ficcional, que o escritor Hernâni Donato recriou, inventou e simbolizou, a partir de um *locus*, de um tema de valor histórico. Nesse sentido, cabe perguntar “que verdade ele nos traz pelas suas meias verdades.” (CHIAPPINI, 1999, p. 813)

Sabe-se que nunca haverá uma interpretação universal, absoluta e definitiva de um texto, nem uma decifração conclusiva. As práticas de leitura variam no tempo, lugar, de acordo com as expectativas e interesses dos leitores e dos recursos intelectuais de que estes dispõem e sempre é uma prática criadora. Desta forma, os leitores não lêem de maneira semelhante e nem estabelecem a mesma relação com o texto escrito. A significação de um texto não esgota as intenções do autor, pois “quando um texto passa de um contexto histórico ou cultural a outro, novas significações se lhe

aderem” que o autor não havia previsto. Por outro lado, a resposta do texto “depende da questão que dirigimos do nosso ponto de vista histórico, mas também de nossa faculdade de reconstruir a questão à qual o texto responde, porque o texto dialoga igualmente com sua própria história.” (COMPAGNON, 1999, p. 64) Enfim, um texto não possui um único sentido, dessa forma, diferentes leituras e interpretações contrastantes poderão ser lançadas sobre *Selva Trágica*, pois suas significações são inesgotáveis.

Referências Bibliográficas

- [1] CARVALHAL, Tania Franco. O futuro das letras na literatura comparada: as zonas limiares. In: COSSON, Rildo (Org.). *O presente e o futuro das letras*. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPel, 2000. p. 13-25.
- [2] CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- [3] CHIAPPINI, Ligia. Relações entre história e literatura no contexto das humanidades hoje: perplexidades. In: *Simpósio Nacional da ANPUH*, 20, 1999, Florianópolis. Anais... São Paulo: Humanitas/ FFCH/USP: ANPUH, 1999. p. 805-17.
- [4] COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 1999.
- [5] DONATO, Hernâni. *Selva Trágica: a gesta ervaiteira no sulestematogrossense*. São Paulo: Autores Reunidos, 1959.
- [6] _____. *Sumé e Peabiru: mistérios maiores do século da descoberta*. São Paulo: Edições GRD, 1997.
- [7] GAY, João Pedro. Historia da republica jesuitica do Paraguai: desde o descobrimento do rio da Prata até nossos dias, anno de 1861. *Revista Trimestral do Instituto Historico Geographico, e Ethnographico do Brasil*, v. 1, 2, 3, 4, p. 5-120, 351-447, 599-838, 1863.
- [8] LESSA, Barbosa. *História do Chimarrão*. Porto Alegre: Sulina, 1951.